Excelente
21

2-E-72

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

Curso PEM

Partido -

Solução do S-III-6 (EN)

Apresentada por

FLÁVIO ACAUAN SOUTO

CORONEL

NOME E POSTO

RIO DE JANEIRO

19 84

EGN - 06
7530-BR-240-3133

2-E-72

YOM KIPPUR: A GUERRA REGIONAL NA ERA ATÔMICA

FLÁVIO ACAUAN SOUTO
Coronel do Exército

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL

1984

MM - EGN
BIBLIOTECA
09/09/1987
Nº: 979

ÍNDICE

	FOLHA
INTRODUÇÃO	1
ANTECEDENTES	1
A grande transformação	1
Confiança x prudência	3
AS OPERAÇÕES	4
A batalha de Golan	4
A leste e a oeste do canal	5
A guerra no ar e no mar	6
A internacionalização do conflito	7
CONCLUSÕES	8
Aspectos militares	8
Aspectos políticos	9
A nova arma	10
BIBLIOGRAFIA	A-1

Biblioteca da Escola de Guerra Naval

INTRODUÇÃO

O feriado religioso do "Yom Kippur" — o dia do perdão — praticamente acarreta a paralização completa de Israel. O movimento nas cidades e nas estradas é interrompido, as atividades normais são suspensas e o povo judeu se recolhe em oração. Às quatorze horas do dia 6 de outubro de 1973 — O Yom Kippur — os ataques coordenados dos exércitos egípcio e sírio surpreenderam Israel com suas reservas desmobilizadas e suas forças com efetivos de paz.

A guerra irrompida naquele sábado não pode ser encarada como um simples confronto regional, limitado no tempo e no espaço. Ela foi mais um episódio do crônico conflito árabe-israelense cujo início se confunde com a criação do moderno Estado de Israel e que tem suas motivações entranhadas na própria alma dos povos árabes. Por outro lado, a importância estratégica do Oriente Médio — fronteira onde se chocam os interesses internacionais — a faz extrapolar, de muito, o teatro de operações compreendido entre o Canal de Suez e as colinas de Golan.

O ensaio pretende oferecer, sob este dúplice enfoque, uma sumária abordagem dos antecedentes e do desenrolar do confronto, com ênfase nos aspectos políticos e militares. Muito embora as conclusões representem a opinião pessoal do autor, o trabalho se baseou, em essência, na detalhada narrativa de Chaim Herzog em seu livro "A Guerra do Yom Kippur".

ANTECEDENTES

A grande transformação - Este último confronto começou a delinear-se no dia imediato à completa derrota dos países árabes em 1967, na "Guerra dos Seis Dias". Naquela ocasião, a firme liderança de Gamal Abdel Nasser transmudou a humilhação da derrota em verdadeira obsessão pelo desagravo do orgulho islâmico ferido. Anwar Sadat, que o sucedeu na presidência do Egi

to, conseguiu preencher a lacuna deixada por seu antecessor; a preparação para a guerra continuou sendo a atividade fundamental do povo egípcio e a vitória sobre Israel a sua maior emulação.

No período que medeou as duas guerras processou-se uma completa transformação das forças egípcias. O reaparelhamento, proporcionado de forma ampla e generosa pela União Soviética, foi acompanhado de profunda reestruturação profissional, psicológica e moral. Elevou-se o nível intelectual dos quadros, enquanto as doutrinas e técnicas do inimigo comprovadamente eficiente eram estudadas e assimiladas em seus mínimos detalhes.

Com o propósito de testar e enfraquecer as defesas israelenses, e visando ao adestramento e ao preparo psicológico das forças egípcias, Nasser desencadeou a chamada "guerra de atrito", caracterizada por freqüentes incursões e pesados bombardeios, em recíprocas tentativas de desgaste. O cessar-fogo, em agosto de 1970, foi aproveitado pelos egípcios para cerrar à frente seu eficiente sistema de mísseis, de modo a ampliar a cobertura anti-aérea a leste do canal.

Com Sadat, a preparação prosseguiu com igual intensidade. A articulação dos meios e a travessia foram exaustivamente ensaiadas, a ponto de incutir em cada soldado os reflexos das ações a serem empreendidas no dia da invasão. No âmbito da tropa, estabeleceu-se um clima de ansiedade que tornava irreversível a invasão.

Concomitantemente, a União Soviética desembarcava na Síria enormes quantidades dos mais sofisticados armamentos, especialmente blindados, aviões e modernos mísseis anti-carro e anti-aéreos.

O notável progresso das forças árabes não foi capaz, entretanto, de diminuir o respeito que haviam adquirido pela formidável máquina de guerra de Israel, o que levou seus chefes a preferir uma estratégia prudente e pragmática. Os objetivos políticos e militares passaram a ser realisticamente limita-

dos: conquistar ainda que fosse uma pequena faixa dos territórios ocupados, para posteriormente, em uma vantajosa guerra de desgaste, estender as ações até as antigas fronteiras: O realismo desta concepção era sintetizado por Sadat. "Dez centímetros a leste do canal são suficientes" (3:2).

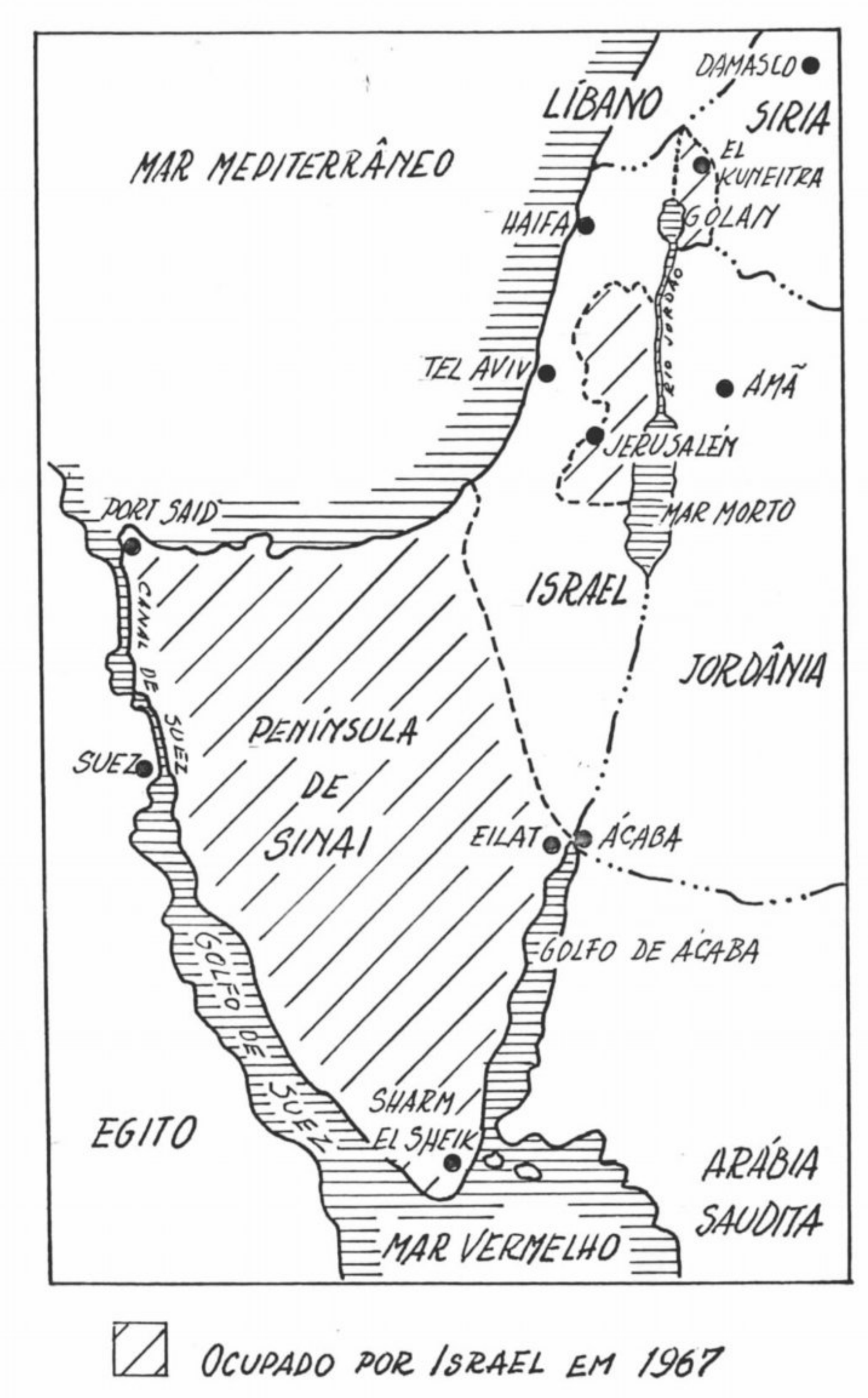
Confiança x prudência - A grande deficiência estratégica de Israel sempre fora a completa falta de profundidade nas três frentes hostis, com os egípcios na fronteira seca do Sinai, os sírios montados em Golan com total domínio sobre as cidades do norte e os jordanianos a um passo de cortar o país ao meio. Os territórios incorporados na Guerra dos Seis Dias modificaram decisivamente o quadro. A situação no norte se inverteu: os israelenses passaram a dominar amplamente a planície síria. Ao leste, uma ofensiva partida da Jordânia teria de vencer duas notáveis barreiras naturais: o corte do Rio Jordão e a verdadeira muralha das elevações da Samaria e do Deserto da Judéia. Na frente egípcia, o Canal de Suez e o árido e acidentado Deserto do Sinai estavam interpostos. A antecipação das ações deixou de ter, assim, o caráter vital do período anterior (Figura 1). Por outro lado, a vitória de 1967 incutira no ânimo judeu enorme confiança na indiscutível superioridade operativa de suas forças.

Estas circunstâncias favoreceram uma nova concepção estratégica, que admitia uma postura inicial defensiva, mais simpática à opinião internacional — Israel não ignorava o alto preço político de sua imagem de agressor e da manutenção dos territórios ocupados. A presteza das informações estratégicas, o arrasador poder aéreo e a comprovada eficiência operativa das forças blindadas israelenses, rapidamente mobilizáveis, constituíam garantia de uma pronta reação.

Alguns fatos posteriores vieram reforçar o otimismo israelense, entre eles o desmantelamento do levante palestino na

FIGURA 1

SITUAÇÃO ESTRATÉGICA



Fonte: ECEME

Jordânia, em 1970, que praticamente pacificou a conturbada frente leste, e a morte do Presidente Nasser, no mesmo ano, considerada um verdadeiro desastre para a unidade árabe.

Com o correr dos anos, se foi instaurando em Israel uma certa descrença quanto à probabilidade de uma nova invasão árabe. O permanente estado de prontidão do país já não era tão rígido. No Sinai, optou-se por uma defesa mais em profundidade, aliviando a ocupação da faixa mais avançada da "Linha Bar-Lev" — um poderoso complexo defensivo com vários escalões, característico da nova atitude assumida. A "Linha Púrpura", sólido conjunto de fortificações e obstáculos ao longo da nova fronteira norte, teve também reduzidos os efetivos de suas guarnições de defesa. Esboçava-se o cenário para o êxito inicial da invasão árabe.

AS OPERAÇÕES

A batalha de Golan - A potente ofensiva síria na frente norte foi desencadeada em vagas sucessivas de infantaria e blindados, sob forte apoio de artilharia e aviação, empenhando três divisões no escalão de ataque e duas divisões blindadas em reserva. Um batalhão helitransportado foi encarregado da conquista do Monte Hermon, ponto forte na defesa israelense.

As duas brigadas que defendiam a frente do Golan conseguiram retardar o avanço sírio, após dramática epopéia em que ficou confirmada a bravura, a eficiência e a determinação das forças judias. Na retaguarda, a mobilização se processava em ritmo alucinante e as unidades iam sendo enviadas apressadamente para a frente e de imediato empenhadas em combate. Em razão do maior risco que representava, a frente norte recebera prioridade de meios.

Com a contínua chegada dos reforços, a ofensiva síria foi detida. No dia 10, a Linha Púrpura era retomada em violenta contra-ofensiva, que se estendeu pelo território sírio a den-

tro, deixando em sua esteira uma inacreditável quantidade de blindados, canhões e todo o tipo de armamento moderno, de origem soviética. Igual sorte tiveram os reforços da Jordânia, do Iraque e do Marrocos.

O que restou do exército sírio, que alguns dias atrás chegara a surpreender pela disciplina e pelo adestramento, passou a preocupar-se com a defesa de Damasco. No dia 22 de outubro, a Síria aceitava o cessar-fogo imposto pela ONU (Figura 2).

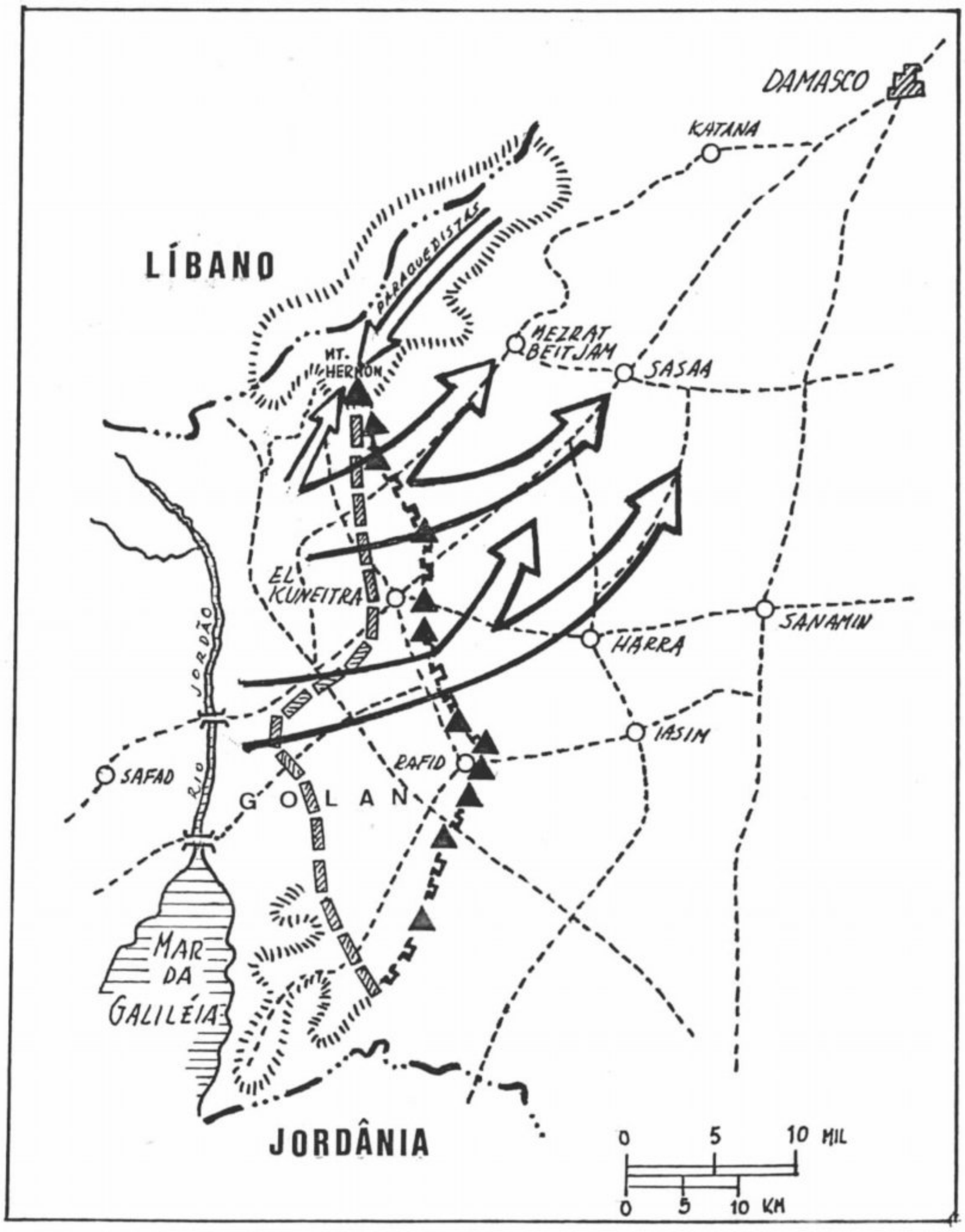
A leste e a oeste do canal - Após maciça preparação de artilharia, as forças egípcias transpuseram o Canal de Suez, em toda a frente de contacto, com seus 2º e 3º Exércitos, num total de nove divisões, sendo duas blindadas e duas mecanizadas. Dois mil pára-quedistas foram lançados na retaguarda das linhas israelenses, para bloquear a chegada de reforços. Em curto espaço de tempo as duas primeiras linhas da defesa Bar-Lev eram submetidas e a engenharia egípcia pôde construir as pontes sobre as quais, seis horas após o início da operação, as brigadas de segundo escalão transpunham o canal.

Em dois dias de violento combate, os egípcios conquistavam a terceira linha de defesa, dez quilômetros à frente, e estabeleciam duas cabeças de ponte, ao norte e ao sul dos Lagos Amargos, respectivamente com os 2º e 3º Exércitos.

A falha dos serviços de informações de Israel em detectar a tempo a invasão resultou no desastroso retardo da mobilização e do aprestamento de suas forças, efetivamente alertadas apenas na manhã do dia 6. No entanto, graças à notável capacidade israelense de conduzir um esforço de guerra, os primeiros sinais de recuperação já se faziam sentir antes de completada a primeira semana de combate. No dia 10, com a chegada dos primeiros reforços, a penetração egípcia era detida e as forças de Israel assumiam o controle do campo de batalha do Sinai. No dia 13, começaram a ser recebidas as maciças remes-

FIGURA 2

A BATALHA DE GOLAN



PONTO FORTE

LINHA PÚRPURA

PENETRAÇÃO SÍRIA

CONTRA-OFENSIVA ISRAELENSE

sas norte-americanas de carros de combate, aviões "Phantom", mísseis e equipamentos de contra-medidas eletrônicas.

Na manhã de 14 de outubro, as forças israelenses passam à contra-ofensiva em toda a frente e cortam a precária ligação entre os dois exércitos egípcios. A brecha é alargada e, na noite de 15 para 16, uma força-tarefa de batalhão de pára-quedistas e carros de combate transpõe o canal em botes de borracha e estabelece uma cabeça de ponte na margem oeste. Sem perda de tempo, por ali são lançadas três brigadas blindadas, que, após cortar a rodovia Ismailia-Cairo, infletem para o sul, destruindo as posições de mísseis e tudo o mais que encontram naquele lado do canal. No dia 22, interceptada a outra importante ligação com o Cairo, a força israelense atinge Suez e completa o cerco do 3º Exército egípcio.

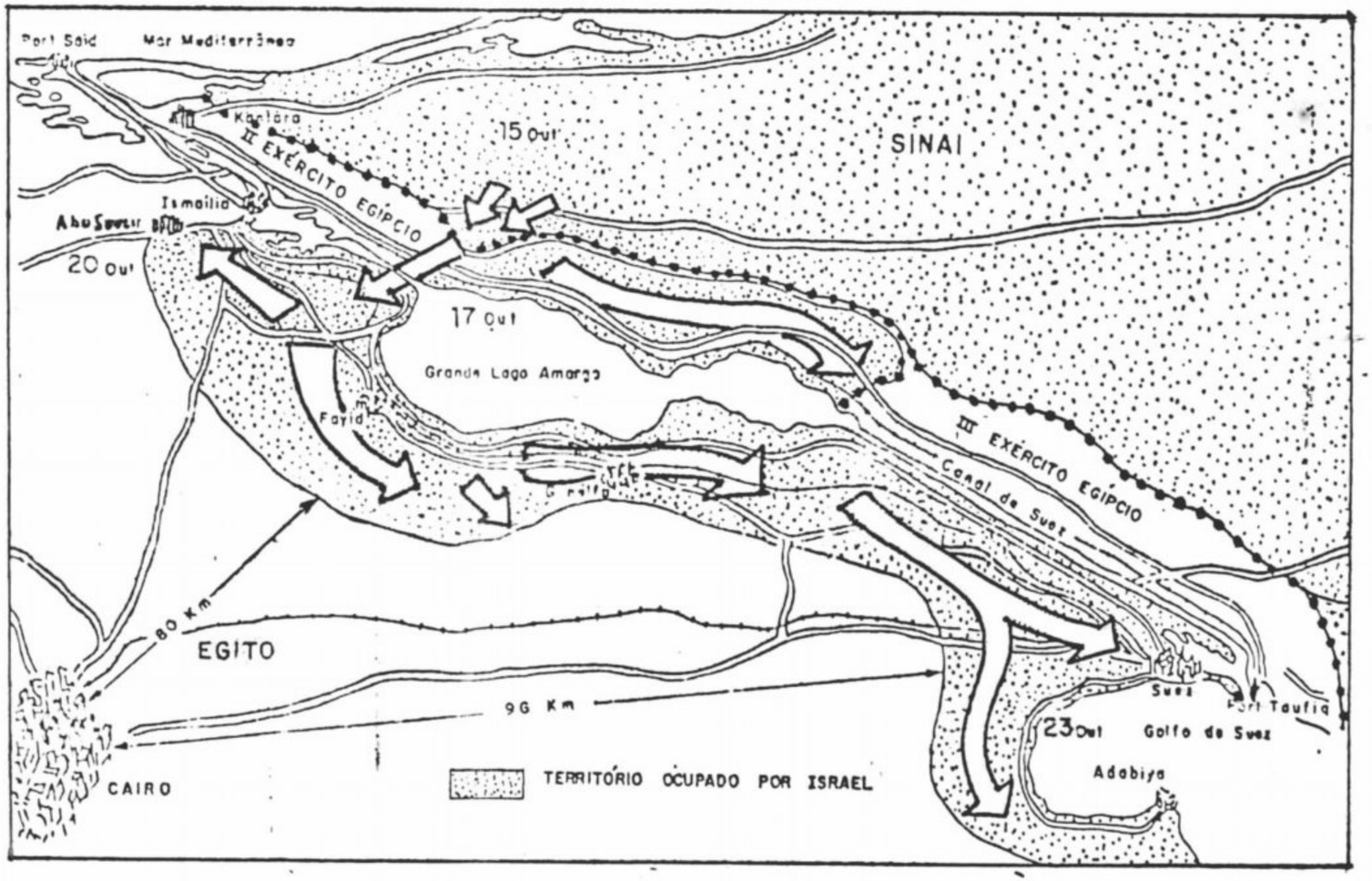
Nesse mesmo dia, o Conselho de Segurança da ONU, pressionado pela URSS, votou o imediato cessar-fogo, somente acatado por Israel depois de ampliado o envolvimento até Adabiya, fechando o acesso pelo Golfo de Suez (Figura 3).

A guerra no ar e no mar - A força área israelense não pôde bisar o brilhante desempenho da guerra anterior. Desde o início da invasão, a crítica situação das duas frentes exigiu da aviação um contínuo esforço de apoio aproximado das forças terrestres, com prejuízo das missões estratégicas tão a seu gosto. Os resultados não foram expressivos, em parte devido às grandes extensões das frentes de ataque árabes, mas principalmente em razão da eficiência dos precisos mísseis SAM-6. A aviação dos países árabes concentrou-se, também, no apoio aerotático às forças terrestres.

O desequilíbrio das forças navais era também gritante em favor dos árabes, que somavam setenta unidades de combate contra apenas quatorze lanchas israelenses, equipadas com mísseis "Gabriel", de fabricação própria (1:7).

FIGURA 3

A CONTRA-OFENSIVA ISRAELENSE



Fonte: ECEME

A Marinha Egípcia fora desenvolvida segundo a concepção de Nasser de controle do Mediterrâneo, influenciada pelo receio das marinhas ocidentais sempre ali presentes. Incluía grandes navios, como contra-torpedeiros e submarinos de grande alcance, pouco apropriados para as ágeis e rápidas operações próximas ao litoral, normais em águas interiores. Não obstante, recentemente incorporara doze lanchas porta-mísseis soviéticas da classe "OSA", semelhantes às outras trinta que equipavam a Armada Síria (4:444).

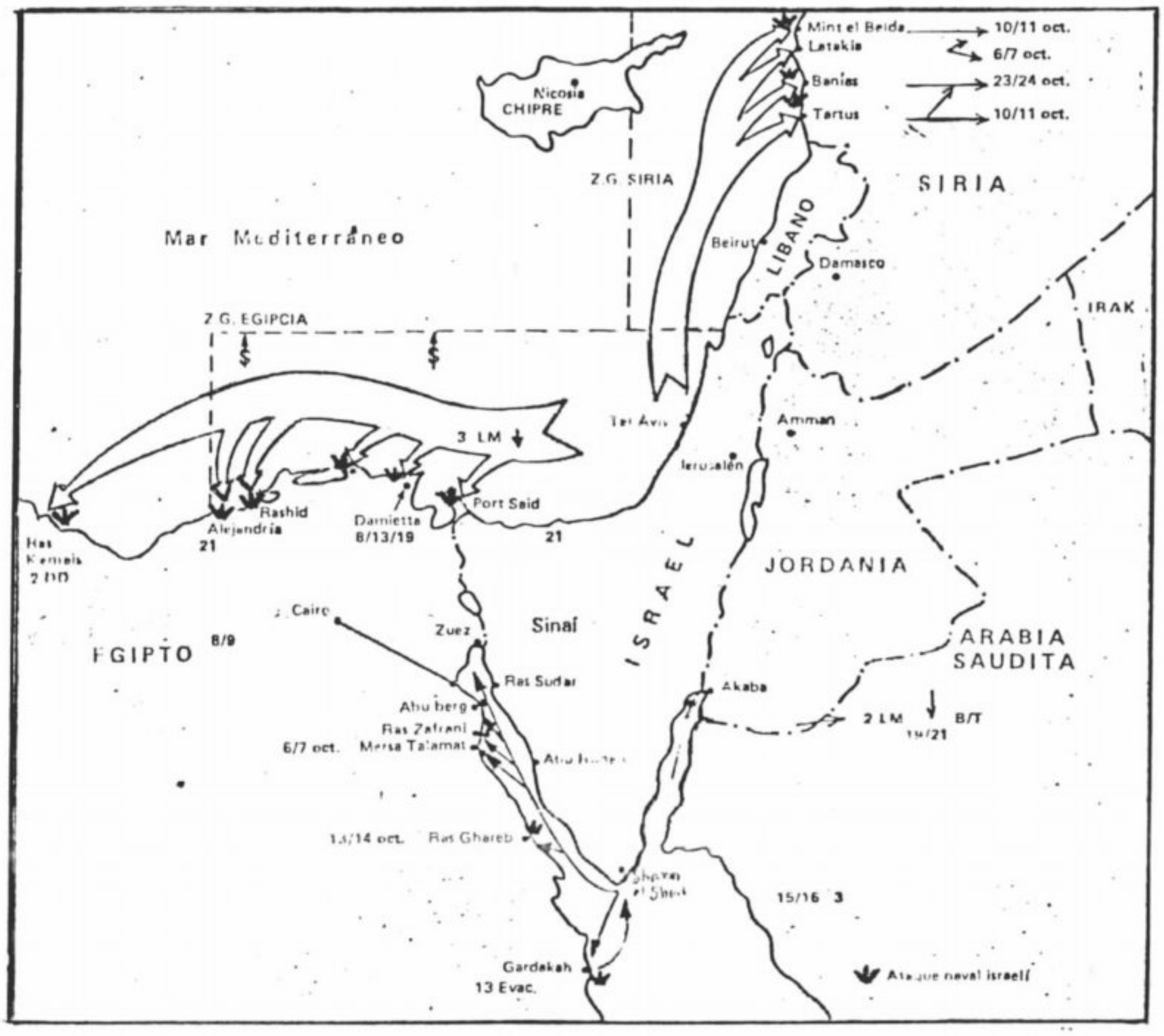
A inferioridade numérica foi largamente compensada pela eficiência operativa e pelo alto grau de adestramento das tripulações de Israel. O primeiro combate naval de mísseis da história, em Latakia, iniciou a série de ataques israelenses ao litoral mediterrâneo dos dois adversários, quando foram destruídos terminais de combustível, instalações militares e portuárias e grande número de unidades navais inimigas. Igual sucesso foi obtido no Golfo de Suez, onde as forças navais egípcias foram completamente batidas, após tentarem, sem êxito, o bloqueio do tráfego israelense naquela área.

O completo domínio dos mares exercido pela Marinha de Israel foi fundamental para o recebimento das grandes quantidades de suprimento norte-americano enviados por via marítima. Em acréscimo, exigiu o desvio de tropas das frentes terrestres para a proteção das costas árabes. Ao fim da guerra, as forças egípcia e síria lamentavam a perda de dezenove embarcações. A Marinha de Israel não tivera nenhuma de suas eficientes unidades posta a pique (2:366)(Figura 4).

A internacionalização do conflito - O papel das superpotências, obviamente envolvidas em uma área vital para seus interesses, fora bem sintetizado por Moshe Dayan: "A chave da guerra encontra-se nas mãos dos soviéticos, enquanto a da paz está com os Estados Unidos" (2:389). De fato, a União Soviética

FIGURA 4

OPERAÇÕES NAVAIS



Fonte: Revista de Marina - Chile

tirou proveito da derrota de 1967 para viabilizar e incentivar o novo confronto, assim como exigiu o cessar-fogo ao ver frustradas as suas intenções e ameaçados os seus interesses. Os Estados Unidos, por sua vez, procuraram manter-se equidistantes, conduzindo negociações para a restituição dos territórios ocupados, visando à obtenção do equilíbrio na área. Não hesitaram, porém, em definir-se claramente a favor de Israel quando o sucesso inicial da invasão árabe configurava a provável prevalência dos interesses soviéticos.

As potências européias tradicionalmente alinhadas com Israel permaneceram omissas, mormente depois que a "guerra do petróleo", desencadeada pelos países árabes após o início das operações, desnudou a vulnerabilidade de suas economias. Os Estados Unidos foram a única potência ocidental poupada das amargas queixas israelenses no pós-guerra (2:394).

CONCLUSÕES

Aspectos militares - A Guerra do Yom Kippur constituiu uma das mais expressivas páginas da história militar de Israel. A pesar de surpreendidas e duramente abaladas pelas pesadas perdas e pelos duros reveses iniciais, as forças israelenses lograram reverter a situação, aniquilando o exército sírio na frente norte e obtendo, ao sul, uma vantagem estratégica decisiva, em brilhante e audaciosa manobra de cerco.

Simultaneamente com os duros combates, desenvolveu-se um amplo teste dos mais sofisticados armamentos e equipamentos bélicos, alguns inéditos à época. Ainda que a maior parte das lições decorrentes já não seja oportuna, cabe destacar os eficazes mísseis, em especial os anti-aéreos, que demonstraram ser possível reduzir-se acentuadamente a vantagem da superioridade aérea, até então considerada decisiva. No tocante às operações navais, é de se ressaltar a importância da adequação dos

meios às características do teatro de operações e o valor representado pelo completo domínio do fator tecnológico, grandemente favorecido pela nacionalização dos equipamentos. Entre os princípios de guerra confirmados no conflito, sobressaíram o da massa e o da manobra, explorados respectivamente por egípcios e israelenses de forma coerente com as possibilidades e as características de cada força.

Aspectos políticos - A grande vitória militar não chegou a se traduzir em vantagem política. A imposição do cessar-fogo pela ONU impediu a consumação de uma derrota árabe ainda mais humilhante que as anteriores, preservando a vantagem inicial que o orgulho islâmico até hoje exibe como expressiva vitória.

A aparente indefinição dos resultados da guerra acabou sendo positiva em termos de um futuro de paz no Oriente Médio. Além de configurar a tão almejada "desforra", ela propiciou a posterior recuperação do Sinai, obtida nos acordos de Camp David, quando ficou caracterizada a decisão do Egito de negociar em separado com Israel, desistindo de liderar a frustrada e explosiva unidade árabe.

A União Soviética foi, sem dúvida, a grande perdedora. A derrota árabe marcou o início do declínio de sua influência no Oriente Médio e, por extensão, na maioria das áreas africanas. É de recear-se que, fracassadas as dispendiosas tentativas pela via indireta, os soviéticos venham a evoluir para o emprego da estratégia direta na área, em seguimento ao que vem ocorrendo no Afeganistão, peça inicial do mesmo conjunto geoestratégico. Quanto aos Estados Unidos, ficou provado que dispõem de um braço de ação indireta bem mais confiável na região. Tudo indica que tenham fortalecido sua posição, não só evitando que prevalecessem os interesses soviéticos, como proporcionando, através da habilidade diplomática do Secretário de Estado Kissinger, a posterior estabilização do conflito e

o realinhamento do Egito no bloco ocidental.

Mais uma vez ficou demonstrado que a dimensão do caráter regional dos conflitos está na razão inversa da amplitude dos interesses internacionais em jogo. Em realidade, foram duas as guerras do Yom Kippur: a de árabes e israelenses em disputa de territórios e a do Leste contra o Oeste pelo controle de importante área estratégica. A primeira, como se viu, não era a mais importante.

A nova arma - Embora a crise mundial do petróleo envolva aspectos bem mais abrangentes, foi a Guerra do Yom Kippur que a precipitou, mostrando aos árabes que eles tinham nas mãos uma arma muito mais poderosa do que os sofisticados engenhos russos, que aliás nunca lhes foram de grande proveito.

Os efeitos dessa nova arma foram fundamentalmente econômicos, mas seus desdobramentos políticos e, mesmo, militares ficaram evidentes. O poder político dos países produtores assumiu proporções inéditas e a causa árabe recebeu fervorosas adesões nunca imaginadas. Paradoxalmente, porém, os resultados inicialmente pretendidos — pressão contrária a Israel e fortalecimento da unidade árabe — não se concretizaram. A questão sionista foi relegada a um plano secundário, enquanto Israel assiste prazerosamente à crescente fragmentação do mundo islâmico, decorrente do surgimento de expressivos núcleos de poder que não tardam a atritar-se mutuamente.

Decorrida mais de uma década da Guerra do Yom Kippur, embora não se tenha desatado o "nó górdio" da questão — o problema palestino — e o Oriente Médio se encontre ainda mais convulsionado, tudo indica que o conflito árabe-israelense, pelo menos em futuro próximo, deverá permanecer em compasso de espera.

BIBLIOGRAFIA

1. CANELLAS, Sergio Rodrigues et alii. Os poderes marítimo e naval nas guerras limitadas. Rio de Janeiro, EGN, 1984. Trabalho em grupo III-S-2.

2. HERZOG, Chaim. A guerra do Yom Kippur. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 1977.

3. REZENDE, Ney Riopardense. A guerra do Yom Kippur. In: EVOLUÇÃO da Arte da Guerra e do Pensamento Militar. Rio de Janeiro, ECEME, 1984. An. D. Doc. 1-A.

4. ROMERO, Jaime Urdangarín. Guerra árabe-israeli año 1973: operaciones navales. Revista de Marina, Valparaíso, 100 (755):439-48, jul./ago. 1983.

5. SILVA, Nelson Vitorino da. A conjuntura do Oriente Médio. Rio de Janeiro, EGN, 1981. Monografia.

ÉSTE LIVRO DEVE SER DEVOLVIDO NA ÚLTIMA DATA CARIMBADA

4 JUL 88			
7 MAI 92			
07 MAI 1998			
25 MAI 1993			
25 MAI 1994			
26 MAI 1994			
19 MAI 1995			
08 MAI 1996			
08 NOV 1998			
*6 NOV 1999			
29 OUT 1999			

00021180000979
Yom Kippur, a guerra regional na er
2-E-72

MINISTÉRIO DA MARINHA
ESCOLA DE GUERRA NAVAL
Biblioteca

Souto, Flavio Acauan

Yom Kippur, a guerra regional
na era atomica

2-E-72

(979/87)

Souto, Flavio Acauan

Yom Kippur, a guerra regional na era atomica

2-E-72

DEVOLVER NOME LEIT. (979/87)

4 AGO 88	DE FARIA
9 MAR 93	CMG BOMPET
07 MAI 1993	CMG TORRES
25 MAI 1993	CMG ROMITI
25 MAI 1994	CMG NABIR
26 MAI 1994	CMG MENEZES
19 MAI 1995	CMG ANDERSON
08 MAI 1996	STINFELIN
08 ABR 1997	CMG NAGATO
08 NOV 1998	CC PEDROSO
29 OUT 1999	CC (FN) BUSTAFF